



## A PEDAGOGIA DO CANDOMBLÉ: O QUE DIZEM OS DE DENTRO

Lúcio André Andrade da Conceição\*

**RESUMO:** *Este projeto refere-se às aprendizagens praticadas no cotidiano do Terreiro de Candomblé, as quais, de alguma forma, interferem nas identidades dos seus membros, proporcionando-lhes transformações, muitas delas vividas sob conflito. Neste sentido, é uma Pedagogia que este projeto se propõe discutir. Baseio-me na crença de que a religião Candomblé possui uma Pedagogia constituída de elementos pertencentes a outras matrizes civilizatórias, distintas da eurocêntrica. A problemática deriva da minha experiência no Candomblé, testemunhando várias experiências de iniciação com os sujeitos, mudando de percepção diante do mundo real visível e, concomitantemente, dando legitimidade a determinações emanadas de um mundo invisível, em suas vidas. Neste bojo, retomo as falas das mais velhas senhoras do Candomblé, indignadas com os membros de agora que, segundo elas, são mais difíceis de aprender os segredos da religião; dificuldades em apreender o sentido dos afazeres ordinários no cotidiano da Roça, onde o pertencer representa possuir um papel bem definido, só compreendido, plenamente, com o tempo. Um tempo impondo desprendimento da lógica social atual, utilização de outros esquemas de cognição, valorizando um fazer em conjunto. Uma lógica garantida a partir da fé que, segundo Muniz Sodré (1988), acontece por adesão à regra como requisito para manutenção e preservação do culto. Esta pesquisa se justifica objetivando visibilizar este processo, entendendo que as aprendizagens adquiridas transcendem esse espaço e alcançam relações mais amplas em outros convívios sociais. Apostando numa perspectiva qualitativa de pesquisa, trabalharemos com registro etnográfico do cotidiano de um terreiro e entrevistas com questionário pré-estruturado.*

**Palavras chave:** Candomblé; Aprendizagens; Cotidiano.

### INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado está inserido na pesquisa, ainda em andamento, de dissertação de mestrado, que tem como objetivo visibilizar o processo de ensino-aprendizagem que ocorre cotidianamente em um terreiro de candomblé. Antecipadamente, operamos alguns referenciais teóricos, com os quais iremos ao campo, na análise de entrevistas com membros do terreiro, objetivando compreender seus posicionamentos sobre esta temática.

As referências ao universo religioso do local em questão, bem como as dinâmicas vividas neste lugar, terão como base, além das leituras correspondentes, o conhecimento adquirido pelo pesquisador em suas incursões ao local. Iniciativa que não tinha sentido, inicialmente, de subsidiar esta pesquisa, mas que, no entanto, permitiram estabelecer alguns pressupostos teóricos, os quais sinteticamente apresentamos neste artigo, e confiabilidade perante os membros da comunidade. Eis uma condição particularmente importante para quem almeja pesquisar as

---

\* Pedagogo, especialista em metodologia da Pesquisa, Ensino e Extensão, mestrando em Educação e Contemporaneidade/UNEB. [ze-lucio@bol.com.br](mailto:ze-lucio@bol.com.br) / [lucioaac@yahoo.com.br](mailto:lucioaac@yahoo.com.br). Orientação do Professor, Doutor Wilson Roberto Mattos.



religiões afro-brasileiras e utilizar, como metodologia, a inserção no contexto, com objetivo de descrição mais densa.

O planejamento da pesquisa no âmbito das ciências sociais, de abordagem qualitativa, requer um mínimo de estruturação, visando, dentre outros fatores, a otimização do tempo (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZAJDER, 1999, p.148). As entrevistas tiveram o sentido de saber, entre os membros, sobre a relevância da questão, ora abordada, haja vista a inexistência de discussão, deste assunto, no meio. Era uma forma também de, ao ouvir suas histórias pessoais, perceber como aprenderam, além de tomar conhecimento da dinâmica do terreiro estudado, que não é igual em todos. O terreiro escolhido para realização de nosso estudo é o Ilê Axé Obanã, em Areia Branca, no município de Lauro de Freitas/BA, que é dirigido pelo Babalorixá Flaviano.

A proposta de trabalharmos com entrevistas, nesse momento, sustenta-se na possibilidade de captar as representações que os membros fazem do real em que estão inseridos. A linguagem será tomada como fator de mediação para apreensão da realidade. Ela revela, veicula e cria representações cujas formas e significações estão inseridas no contexto social de sua produção e de seu uso (MACEDO, 2000, p.165).

Entendendo que sua condição de membro é, segundo Coulon (1995), definido por filiação a um grupo ou instituição que lhe exige um progressivo domínio da linguagem institucional. Compreendemos, entretanto, que estas entrevistas nos oferecem limites. Em se tratando de religiões afro-brasileiras, a palavra falada é considerada importante fonte de axé (força vital) é veículo de poder sagrado (SILVA, 2000, p.41).

Falar é um ato mágico que impregna por contaminação simbólica o sujeito da fala e seu ouvinte. [...] Para o pai-de-santo, dar entrevistas ou falar ao antropólogo [ou qualquer pesquisador], adquirem significados que vão além da simples transmissão de conhecimentos “objetivos”, significando muitas vezes, uma inversão de procedimentos religiosos. Porque nessas religiões, o processo de obtenção de conhecimento raramente se faz através de uma dinâmica de perguntas e respostas. (SILVA, 2000, P.41).

Sendo assim, Vagner Silva (2000, p.59) nos sugere que devemos nos valer da sensibilidade e da intuição para saber quais sinais, falas, eventos, privilegiar no esforço de reconstrução da realidade, que neste caso, foi o contexto da aprendizagem destes sujeitos.

Nossa compreensão sobre o espaço do terreiro de candomblé é que ele é social, mítico, simbólico, de resgate e de preservação cultural de valores afro-brasileiros, de continuidade da religiosidade africana que se reelaboram na Bahia. O entendimento aqui expresso ratifica pensamento de autores como Siqueira (1998), Sodré (1988), Silveira (2003), dentre outros. É social ao abrigar pessoas sob modelo de organização própria, a família de santo, onde todos possuem funções definidas; mítica e simbólica, pois, é através dos rituais que se recria o feito dos orixás, que expressam valores, princípios e sentidos a serem interpretados. Nos rituais se celebra a fé, mas é momento também de nostalgia, de alegria para o grupo. É lugar onde profano e sagrado se congregam.

A educação, no contexto do terreiro, será concebida como processo interacional. Fenômeno que ocorre entre sujeitos, Marialda Jovita explica que é:

[...] uma realidade construída a partir da eleição de um conjunto de estratégias e meios que uma sociedade põe em prática para transmitir seus valores às



gerações ascendentes e, dessa forma, manter o seu *ethos*, sua identidade e a sua sobrevivência. (SILVEIRA, 2003, p.27).

O tempo é tratado cotidianamente no terreiro não apenas como concepção linear conforme conhecemos na sociedade ocidental. Perpassa, em meio às interações, nuances de um outro tempo, que nos permitem remetê-la a uma concepção de tempo que se vitaliza no passado. (OLIVEIRA, 2003, p.47). Sustentando menos como única noção presente e mais como referência, que se articula à imperatividade das atribuições de nossa sociedade, a qual não concebe a operatividade de outros tempos. Contudo este tempo persiste, tencionando relações, ao aparecer, e na existência ritualizada dos mitos ele melhor se exprime.

A cultura é entendida, segundo Muniz Sodré (1988, p.51), como forma de relacionamento humano com o real, uma metáfora de jogos ou dispositivos do relacionamento humano com o sentido e o real. Diante do exposto, nos inclinamos a dizer que religião é, em parte, uma tentativa de conservar a provisão de significados gerais em torno dos quais cada sujeito interpreta sua experiência e organiza sua conduta (GEERTZ, 1989, p.144). E mais ainda, como uma perspectiva de percepção do mundo entre tantas (GEERTZ, 1989, p.126). Essas idéias delineiam um cenário onde muitas identidades encontram moradas, compondo a diversidade humana, tão peculiar, nas comunidades terreiro de candomblé. Por isso, antes de nos definirmos por um conceito identidade única, que certamente não atingiria a todos, optamos por pensar a identidade, passando por constantes transformações (FERREIRA, 2000, p.46). Queremos explicar que este tratamento, dada a identidade, decorre do conflituoso processo de aquisição de valores, diante da inserção do indivíduo no grupo, o qual também não ficará imune à nova presença.

Do ponto de vista metodológico, as entrevistas tiveram cunho exploratório, no sentido de saber da pertinência da questão pesquisada, perante o “povo de santo”<sup>1</sup> e de conhecer, a partir de suas trajetórias de aprendizagens, quais momentos do cotidiano do terreiro Obaná ia privilegiar para observação. Elaboramos um questionário dividido em dois blocos de perguntas. Na primeira parte das entrevistas, identificamos os sujeitos entrevistados e comparamos seu tempo de iniciação com sua idade cronológica a fim de saber quando entraram efetivamente em contato com o candomblé, se quando criança, na juventude, na fase adulta ou velhice. A experiência vivida no candomblé tem bastante prestígio, principalmente quando nela são cumpridas todas as etapas da iniciação<sup>2</sup>. Verificamos também se ocupavam algum cargo ou posto dentro da Roça<sup>3</sup>.

Quanto ao perfil dos entrevistados, pretendíamos saber se as outras ocupações exercidas por eles contribuíam ou não no exercício de suas atribuições frente à Roça. Estávamos considerando que a dinâmica vivida na sociedade se contrapunha, em alguns aspectos, à lógica imposta pela Roça. A “história de vida” contada nos mostraria como foi construída esta relação. A expectativa era percebermos até que ponto se deu a apreensão de valores expressos pelo terreiro, demonstrando a identidade dos sujeitos, os conflitos e o lugar que a religião ocupava em suas vidas.

A segunda parte queria que os interlocutores dissessem como se dá a aprendizagem do candomblé. Neste sentido, tentamos cercá-los ao máximo de perguntas que nos revelassem os elementos delineadores desta aprendizagem: o nível de dificuldade dos conteúdos, o perfil de quem ensina e de quem aprende, os momentos e locais mais adequados.

<sup>1</sup> É comum entre os membros do candomblé referir-se assim.

<sup>2</sup> Sobre isto ver LIMA, Vivaldo Costa. A família de Santo: nos candomblés jejes-nagôs da Bahia. Salvador: Corrupio, 2003.

<sup>3</sup> Roça é termo freqüentemente usado pelos membros para referir-se ao seu terreiro de candomblé



## A ROÇA DO CANDOMBLÉ

Visibilizar o processo, que afirmamos ser pedagógico, que se instaura cotidianamente, nas relações da Roça, vai requerer, primeiramente, dentro dos limites impostos por este artigo, a descrição de como funciona tal dinâmica.

O terreiro Obanã situa-se numa área privilegiada, dada a presença de matas, cachoeiras, riachos, variedade de plantas e ervas. Além de possuir toda uma riqueza natural, no seu entorno, dispõe, dentro de seus limites, de amplo espaço onde estão construídas: as casas dos orixás, dois barracões e várias outras casas de membros que moram na Roça ou ocupam, periodicamente, nos períodos de festas.

O candomblé é uma religião que mantém relação privilegiada com a natureza. Simbolicamente os Orixás<sup>4</sup> são representados através dos elementos nela contidos: o fogo, a água, o ar, a terra, as plantas, os minerais, os animais. Na realização dos rituais, esta relação se estreita, ainda mais, na medida em que dela se origina, infinita quantidade de ervas, plantas, sementes, raízes que serão aproveitadas desde a culinária oferecida em homenagem aos Orixás, passando pelas indumentárias, até a decoração da Roça na ocasião das celebrações públicas. É, portanto, primordial a relação do candomblé com a natureza.

A casa do orixá é o local onde se depositam os símbolos sagrados que são pertinentes a ele, que expressam sua representação. É neste local também que, em épocas específicas do ano, serão prestadas homenagens a ele. No terreiro Obanã, a amplitude do espaço permite que cada orixá tenha sua casa, salvo na casa de Omolú/Obaluaye onde encontraremos também representações dos Orixás Nanã e Oxumaré.

A homenagem é quando acontecem os rituais referentes àquele orixá, que tem seu momento mais figurativo no xiré, a festa, normalmente pública, quando todos apreciam os orixás caracteristicamente vestidos, dançando no barracão. O babalorixá previamente define um calendário litúrgico para sua casa, o qual se distribui por todo o ano. Alguns dias antes das datas estabelecidas, iniciam-se os preparativos, que não terminam nela, perduram por mais outros dias após. Temos aqui um período de obrigações<sup>5</sup> variável de acordo com o orixá e com outras cerimônias, que por ventura tenham sido marcadas (ebós, océs, feitura de iniciação, etc), pelo Babalorixá, para ocorrerem naquele período.

É dentro do período de obrigações que os membros da Roça: filhos e filhas de santo, Ogans, Ekedis se reúnem para darem início aos preparativos das obrigações. É nesse contexto que vislumbramos o processo de aprendizagem aqui defendido. São situações preenchidas por atividades simples: cozinhar, lavar, varrer, pegar folha no mato, dançar, cantar, decorar, tocar, mas que guardam detalhes qualificadores do fazer dentro da Roça.

## AS ENTREVISTAS

O critério utilizado para escolha destes membros foi o tempo de iniciação. Em função da fase inicial exploratória, na qual se encontra a pesquisa, privilegiamos os sujeitos mais antigos do terreiro, pois desejávamos colher o máximo de experiências que nos fossem significativas.

<sup>4</sup> SIQUEIRA (1998, p.44) cita Pierre Verger, para dizer que os Orixás são os antepassados divinizados e assimilados à natureza. Diz ainda que não são transformados em elementos da natureza, nem estão subjugados a ela, ao contrário detêm poder sobre uma determinada força da natureza que lhe corresponde.

<sup>5</sup> Este é outro termo usado pelo povo de santo que equivale às cerimônias da Roça.



Estes não são os mais velhos representantes do terreiro Obanã, entretanto são pessoas que ocupam lugar de reconhecido destaque perante a comunidade, devido ao cargo que ocupam: um é o Babakêkê e Babalossain, três são Ebomis e uma é Ekedi.

Do ponto de vista do gênero, privilegiamos dois homens e três mulheres. Esta classificação não chega a ser um determinante no que tange à distribuição dos afazeres dentro da Roça. Apesar de reconhecermos a presença significativa da mulher em sua estrutura sacerdotal, bem como na dinâmica do terreiro, a divisão de tarefas coaduna-se com o papel de cada um, expresso através do cargo ou função ocupado, na hierarquia litúrgica do candomblé.

As entrevistas ocorreram em momentos específicos, com cada um deles, todos fora do ambiente da Roça. Apesar de termos um questionário, a postura adotada foi de explicitar os objetivos da pesquisa e do teor das perguntas, em seguida, deixar que falassem. Em alguns momentos interrompíamos para melhor esclarecimento das respostas ou novos questionamentos.

No tratamento das falas, buscamos ordená-las seguindo noções que se repetiam, guardadas, obviamente as diferenças de autorias:

- Primeiro, as evidências de um processo de aquisição de saberes que modificam, de algum modo, a conduta do sujeito, em diferentes aspectos e, ao conseguir perpetuar valores, se faz educativo.
- Segundo, a importância da participação no contexto do terreiro. O princípio é a participação, dela surgem diferentes formas de apreensão do saber, pelos indivíduos.

## AS MARCAS DO PROCESSO

Defender que, no dia-a-dia de uma comunidade terreiro, se deslançam processos educativos é comprometer-se com reflexões contemporâneas, que afirmam a necessidade de buscar alternativas de concepção, que norteiem a elaboração de projetos pedagógicos e curriculares escolares.

O pensamento racista, ainda vigente em setores da elite, sob inúmeras formas, insiste em homogeneizar as perspectivas de análise histórica, sobretudo no que tange à participação das populações negras e de seus descendentes, na construção da sociedade. O currículo escolar é um lugar, onde não se privilegia, segundo Petronilha Beatriz (2003, p.26), as africanidades brasileiras, ou seja, os modos de ser, de viver, de organizar que refletem marcas ressignificadas, na diáspora africana e que fazem parte do cotidiano dos afro-brasileiros. O espaço do terreiro é o lócus privilegiado, porém não único, onde se conseguiram preservar princípios inspirados numa cultura africana, traduzida em novos contornos, portanto não pura, de onde se podem tirar subsídios para propostas de educação numa perspectiva pluricultural.

As africanidades ganham vazão, entre estas populações, à medida que o acesso aos meios oficiais de educação, trabalho, lazer, saúde, etc torna-se escassos, em consequência de um processo de exclusão, pautado no modelo econômico capitalista no qual vivemos. Os terreiros, ao se estabelecerem em espaços marginais aos centros urbanos<sup>6</sup>, vão fazer vizinhança com as

---

<sup>6</sup> Os terreiros encontrados hoje, em áreas centrais de Salvador foram envolvidos pelo processo de expansão da cidade, sofrendo inclusive com perda significativa de suas áreas verdes utilizadas nos cultos, para a iniciativa imobiliária.



populações periféricas. É fácil concluir que lá, face às características de como se estrutura a religião Candomblé, em Salvador, encontrarão possibilidades que lhes foram negadas pelos meios oficiais.

A SANDU vivia direto cá em casa, quando SANDU não vinha cá, quando a SANDU não vinha cá, que eu ia lá. A SANDU era um órgão que tinha de socorro, de médico. Tanto que tinha um médico que boto meu nome de “meu plantão”, que parecia uma coisa, que ele era médico, era vidente, era Ogan, eu sei que um dia ele disse ao meu marido – olha meu amigo, “meu plantão” não tem nada de doença, não é possível, procure um lugar e - ai foi que minha Mãe apronto mais e eu deixei de ir na Roça - procure um lugar que pra botar “meu plantão” pra se cuidar, “meu plantão” tem que usar aquela saia rodada - e brincava muito. (D. Florianita, Ebomi, 78 de idade, 50 de iniciada).

Os limites expressos pelo serviço de saúde que atendia nas casas levaram D. Florianita a se iniciar. Talvez, este não tenha sido o fator determinante, pois esta senhora, além de ser esposa de um Ogan, possuía em sua família pessoas já iniciadas e outros que mantinham relações com o terreiro. Entretanto, este “caso contado” aponta pistas que nos ajudam a imaginar qual a representatividade do Candomblé, perante a vida daquelas pessoas.

Em outra fala, verificamos a menção às incumbências do lugar, interferindo de forma, às vezes irreversível, fazendo com que os membros adquiram novas condutas sociais:

[...] depois ficamos sem nos ver porque, justamente por causa disso, por causa do meu tempo, também eu não tenho muito tempo de ir lá, devido as minhas obrigações na roça, quer dizer, isso é um dos uma das coisas que o candomblé exige da gente, muitas às vezes a gente tem de abdicar de certas coisas da nossa própria vida pessoal devido ao compromisso com o candomblé, principalmente quando a pessoa tem um vínculo com a casa, uma responsabilidade um cargo, então a gente, tem que abdicar até de nossa vida pessoal, às vezes, por causa, em função disso. (Osmar, Babakêkêrê, 40 anos de idade, 14 de iniciado).

Meu período de abiãn, é um período de aprendizado período de aceitação do omo-orixá, do filho de santo, ele passa esse período de abiãn pra poder conhecer na verdade a roça, conhecer as pessoas e pra ter certeza se é realmente aquilo que ele quer, se é realmente aquela casa que ser iniciado se ele se da bem com as pessoas com a comunidade da casa, com o pai de santo e tudo, é como se fosse um estágio, na verdade, o período de abiãn é como se fosse um estágio, uma preparação pra você no futuro ser iniciado. (Osmar).

#### Mudanças em níveis mais subjetivos da natureza humana:

Antes de eu me iniciar no candomblé, a minha vida não era muito diferente, do que é agora, eu tenho a impressão de que eu tinha um vazio, eu era católica, ia para igreja, mas eu nunca tive muito saco, para missa, achava uma coisa muito comprida, só gostava de procissão, acredito que porque eu sou mais exteriorizada, gosto de cantar e de andar, ai por isso eu acho que me encontrei, no candomblé, por que o candomblé acima de tudo é uma catarse, assim eterna, e agente canta e dança, o tempo inteiro e essa exteriorização me faz muito bem. (Iraí, Ekedi, 60 anos, 15 anos de iniciada).



O candomblé apesar dele não ter me dado um emprego, que eu já tinha, os meus filhos são maravilhosos, mas ele me deu uma coisa, muito boa, porque ele me dá segurança, ele me dá alegria, e me dá uma outra família, porque eu acho que talvez isso seja uma das coisas melhores no candomblé [...] (Iraí).

As marcas desta aprendizagem são profundas, em alguns casos vinculadas a dimensões que extrapolam a sujeito:

Ensina naquele tempo era, justamente, no rancó ensina reza, ensina a reza da noite, a reza de demanhã, a reza da noite, compreendeu, a reza da comida, na hora que acabava de comer, tudo isso a gente tinha assim, o agradecimento da comida, salvar a luz na hora que acendia, a luz, tudo isso [...].(Florianita).

Exista uma coisa chamada quizila, coisas que é proibido de fazer, coisas que você não pode comer, não pode entrar, não pode vestir, e eu era muito contestador disso [...], mas saiu assim de cara que preto e vermelho não pode vestir de jeito nenhum [...] eu uma vez comprei uma camisa preta, vesti fui pra rua, quando chegou na rua tive que lascar a camisa, comprar uma nova e vesti porque eu me feri da cintura pra cima [...] (Walter, Ebomi, 28 anos de iniciado).

Percebemos a desconstrução de preconceitos instituídos por uma sociedade que, em princípio, abomina o outro estranho, o diferente.

Eu a princípio não aceitava muita a questão da matança [...] eu tinha aquela visão isso antes de eu ir, eu tinha medo da matança, porque a visão que se da, da matança do candomblé, é daquela barbárie, parece que a gente pega o bicho e mata e joga fora e desperdiça num país onde tanta gente passa fome, isso seria um contra-senso, mas na realidade, não é isso que acontece [...] (Iraí)

## **A PRIMAZIA DO LUGAR**

O cotidiano do terreiro resguarda melindres. Diversos fatores se entrecruzam, na composição do saber relativo aos afazeres do lugar, fazendo da experiência acumulada, durante anos de participação, única fonte para enfrentamento de situações futuras. Daí advém o lugar privilegiado dos mais antigos.

[...] o que ela sabia, eu sei, ela passou muita coisa pra mim, por eu ter sido do primeiro barco, e me interessava muito a aprender [...] e entre os quatro, [...] quem mais se interesse fui eu, porque eu ficava sempre por perto, procurava ficar sempre perto de minha mãe, perguntando e no que ela podia me ensinar ela ensinava [...]. (Dulce, ebomi, 28 anos de iniciada).

Vivendo o candomblé, vivendo o dia-a-dia, esta sempre presente nas obrigações internas e externas, [...]participando das reuniões, dos océs, dos Boris, dos ebós, dessas coisas que daí vem o aprendizado, porque cada coisa é uma coisa, cada dia você vê uma coisa nova no axé, se trabalha da mesma maneira, mas um dia você vê um tipo de um ebó, noutro dia você vê um banho diferente, outro dia você vê um bori diferente do o outro, então cada dia se aprende mais(Dulce).



Eu acho que candomblé a gente aprende basicamente no terreiro, fazendo [...] (Iraí).

Eu acho que as pessoas que tão aprendendo devem se concentrar naquilo que esta fazendo, se desligar do mundo lá fora e se aproximar mais do orixá, ficar atenta com tudo e com todos, principalmente os mais velhos, porque tudo que nós temos agradecemos aos nossos mais velhos, tudo que nós aprendemos [...] (Dulce).

A vivência que leva você a isso, a você a perceber o que lhe ensinaram antes, você passa a viver mais ativamente com a religião, você tem que ter responsabilidade quando você é Pai-pequeno, Mãe-pequena de alguém, ou que você vai tomar conta de uma obrigação, vai orientar os seus mais novos, ou participar de uma obrigação, mais ativamente, aí você vai ver o quanto eu já ouvi isso, alguém já me falou isso, eu já vi isso, e dessa forma que faz realmente. (Osmar).

O grande entrave da pedagogia do terreiro parece, à primeira vista, no diálogo com o “mundo lá fora”, mas, no dizer das pessoas ouvidas, o que se quer ressaltar é o valor contido no ato de fazer.

As pessoas hoje por ter muito conhecimento, através de livros, computador e outras coisas, através de palestras, então quando chega no momento certo de aprender, acha que já esta sabendo, então não se interessa, por aprender exatamente com quem deve aprender [...] (Dulce).

Existe coisa que foi mudado e eu concordo, por exemplo, Iaô como eu fiquei um ano no axé, [...] hoje não se vai ao pé do orixá, se pergunta, [...], e a Iaô ta liberada em função da situação que vivemos, todo mundo tem que trabalhar, todo mundo tem que estudar, porque se não tiver cultura no candomblé, o candomblé não vai para lugar nenhum. O que não deve mudar é o axé, o respeito pelo orixá, a submissão, o carinho que os filhos devem dar ao seu orixá, a sua Iyalorixá, a Iya-kekeré, [...] (Idem).

[...] mas eu acho assim, que o que é básico no candomblé a gente aprende fazendo, a cuidar do orixá, a cuidar dos assentamentos, fazer as comidas, participar das obrigações, cuidar dos os Iaôs, isso a gente não aprende no livro não, isso a gente aprende na Roça, [...], observando as pessoas mais velhas, a sabedoria das pessoas que já sabem, porque os livros são necessários, são [...] pra esse trabalho que eu faço, quando você vai falar para um grupo que não é do candomblé [...], mas o conhecimento iniciático, que é sempre feito de quem sabe mais pra quem sabe menos, através das histórias através das lendas, através mesmo dos carões, dos puxões de orelha, eu acho a gente aprende lá, [...] e acho até que lá é o lugar de se aprender.[...] seria uma pena que se mudasse, essa forma de iniciação, porque esse contato do Pai-de-santo, com a pessoa que ta fazendo obrigação, cria laços de amor e com as outras pessoas [...], a Mãe-pequena, a Ekedi, a pessoa que faz o banho, isso cria laços imensos de amizade, independente da condição social, [...] intelectual e acho que a gente não pode perder isso [...]. As mudanças que ocorreram no candomblé eu acho que ocorreram até por contingências, e mundo mudou, as pessoas mudam, [...], hoje em dia realmente tem que se flexibilizar isso por que as pessoas têm emprego,





as pessoas trabalham, [...] as pessoas não podem mais tem esta disponibilidade. (Iraí).

[...] o que não pode ser mudado no candomblé é a própria essência do orixá é o que não deve o que não pode ser mudado, tudo pode ser mudado, as pessoas podem mudar, os objetos, para facilitar o trabalho, tem lugares que tem até maquina de despenar galinha, mas o que não se pode mudar nunca é a essência do candomblé, e a essência do orixá.(Osmar).

A participação reserva possibilidades distintas de aprendizagens, permitindo que diferentes indivíduos interajam, valorizando as potencialidades de cada um.

É tudo, tem gente que assimila, uma parte e não assimila outra, tem gente que aprende a dançar e mas não aprende a tirar o axé,[...] tem pessoas que cuidam de seu santo, mas não querem ter disponibilidade de aprender nada, [...] (Osmar).

## CONCLUSÕES ..., NÃO! ENSAIOS PRELIMINARES.

A compreensão que os membros expressam da cultura do lugar permite-nos presumir que as possibilidades de advento e culto da religião estarão sempre se adequando às contingências locais, guardando-se, entretanto, certos princípios. Arriscar-nos-íamos, na complementação deste diagnóstico parcial, afirmando que, face às injunções do processo histórico, devemos encarar tais narrativas, advindas da memória dos depoentes, as quais indicam identidades e sentidos como circunstanciais:

[...] não devem ser vistos como características definitivas ou essências cristalizadas de uma vez por todas, mas com resultados provisórios, porque contextuais, históricos de um processo agonístico de resistências e acomodações em relação aos vetores impositivos dos extratos hegemônicos da cultura. (MATTOS, 2003, p.233).

Guardados os cuidados de não incorrerem na sustentação de concepções essencialistas, podemos nos alçar na exploração da experiência religiosa do Candomblé, em seu aspecto pedagógico. O que isto quer dizer? Acreditamos que a vigência de valores, tomados como verdadeiros redutores da nossa dignidade e identidade (MATTOS, 2003, p.230), encontra ressonância, dentre outros fatores, mas também, na carência de investigação científica em territórios sociais de manifestação da cultura negra. Mas do que isso, as poucas iniciativas existentes nesta linha ficam restritas aos embates acadêmicos, sem vazar para outros níveis da sociedade.

Neste sentido é que se impõe a reconfiguração dos referenciais teóricos, comumente acessados, nas discussões contemporâneas, em virtude da necessidade de abrir novas perspectivas de formulação do conhecimento.

O Candomblé, bem como outras manifestações religiosas afro-brasileiras, têm nos surpreendido com constantes negociações e formulações de estratégias, no anseio de manter-se, em um cenário social inóspito às formas diversas de existência humana. É com base nesses pressupostos que sustentamos esta pesquisa.



## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTRI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Thomson, 2ª ed., 1999, p.129-178.

COULON, Alan. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio Janeiro: LTC, 1989.

FERREIRA, Franklin. **Afro – descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

MACEDO, Roberto Sidney. **Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial**: Nas ciências humanas e na educação. Salvador: EDUFBA, 2000.

MATTOS, Wilson Roberto. Valores civilizatórios afro-brasileiros, políticas educacionais e currículos escolares. **Revista da FAEEBA**, v.12, n.19, jan/jun 2003.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LRC, 2003.

SILVA, P. B. Gonçalves e. Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v.19, n.73, p.26-30, jan/mar.2003.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua Magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000.

SILVEIRA, Marialda Jovita. **A Educação pelo Silêncio**. Ilhéus, BA: Editus, 2003.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Agô Agô Lonam**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**: Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1988.